

INOVAÇÃO E NEGÓCIOS COMUNITÁRIOS DA SOCIOBIOECONOMIA:

Como aproximar
e conectar os ecossistemas

Realizadores:



Financiadores:



INOVAÇÃO E NEGÓCIOS COMUNITÁRIOS DA SOCIOBIOECONOMIA:

Como aproximar
e conectar os ecossistemas

Realizadores:



Financiadores:



FICHA TÉCNICA

INOVAÇÃO E NEGÓCIOS COMUNITÁRIOS DA SOCIOBIOECONOMIA: Como aproximar e conectar os ecossistemas

© Conexões Sustentáveis – Conexsus

Diretora de Administração e Finanças: Cíntia Andrade

Diretor de Operações: Pedro Frizo

Conselho Deliberativo: Valmir Ortega, Fábio Scarano, Marcel Fukayama, Mayra Castro, Paulo Reis e Marcos Aurélio da-Ré

Conselho Fiscal: Adriano de Bortoli, Eugênio Pantoja, Nélcio Elias e Guilherme Parente

contato@conexsus.org | www.conexsus.org

+55 21 3546 5432

Avenida Rio Branco, 131, Sala 203 - Centro - CEP 20040-006 - Rio de Janeiro, RJ

Fundação CERTI

Centro de Economia Verde

Diretor Executivo: Marcos Aurélio Da-Ré

certi@certi.org.br | certi.org.br

+55 48 3239 2000

Rua Eng. Agrônomo Andrey Cristian Ferreira, 201 - Campus da UFSC - Pantanal - CEP: 88040-535 - Florianópolis/SC

Equipe responsável pela publicação

Autores, pesquisa e redação: André Maciel, André Noronha, Bruna Freitas, Janice Maciel e Pedro Frizo

Projeto gráfico e diagramação: Amanda Coimbra

Financiamento:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Inovação e negócios comunitários da
sociobioeconomia [livro eletrônico] : como
aproximar e conectar os ecossistemas. --
Rio de Janeiro : Conexsus, 2024.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-982734-4-6

1. Amazônia - Aspectos ambientais
2. Biodiversidade - Conservação
3. Bioeconomia
4. Economia ambiental
5. Ecossistemas - Aspectos ambientais
6. Meio ambiente - Aspectos econômicos
7. Sustentabilidade ambiental.

24-239876

CDD-338.209811

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Brasil : Economia 338.209811

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Novembro de 2024

ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO	05
2. SUMÁRIO EXECUTIVO	08
3. MOTIVAÇÕES PARA A APROXIMAÇÃO.....	10
4. FLUXO DE APROXIMAÇÃO	13
4.1 Sensibilização de ambas as partes	14
4.2 Reconhecimento das oportunidades e potencial	14
4.3 Priorização de temas pertinentes.....	15
4.4 Definição de fluxos de informação e relacionamento	15
4.5 Co-desenvolvimento de Soluções	16
4.6 Participação justa nos resultados	16
4.7 Colheita de aprendizados e escala.....	17
5. PRINCÍPIOS GERAIS	18
5.1 Descolonizar a visão	18
5.2 Alinhamentos sobre linguagem e conceitos-chave.....	19
5.3 Conceito e necessidades de inovação do ponto de vista das comunidades	19
5.4 Envolvimento intencional de jovens e mulheres	19
5.5 Fluxos de informação constantes, comunicação acessível e transparente.....	20
5.6 Tempo alongado e iterações múltiplas	21
5.7 Recursos financeiros como condição estruturante	21
5.8 Definição de agendas temáticas para inovação.....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
7. LISTA DE PESSOAS E ENTIDADES PARTICIPANTES DO WORKSHOP “INOVAÇÃO E NEGÓCIOS COMUNITÁRIOS: COMO APROXIMAR OS ECOSISTEMAS?”	25
8. BOAS PRÁTICAS E REFERÊNCIAS	27

1. APRESENTAÇÃO

Em um contexto de aquecimento global, fortalecer as economias da sociobiodiversidade ganha força não apenas como uma estratégia de mitigação das mudanças climáticas, mas também de posicionamento do país na liderança de uma nova economia baseada no uso inteligente da biodiversidade, com relevante impacto socioeconômico e ambiental positivo. Além de estar posicionado como um palco relevante dessas discussões a nível global, em virtude de vir a sediar a trigésima Conferência das Partes da ONU em 2025 (COP30), o governo brasileiro possui estratégias em curso para definição de diretrizes para investimento na bioeconomia e na sociobioeconomia - a recém publicada Estratégia Nacional de Bioeconomia e os Planos Nacional da Bioeconomia e da Sociobioeconomia atualmente em desenvolvimento.

O Instituto Conexões Sustentáveis (Conexsus), desde a sua fundação, compreende a mobilização de parcerias e soluções inovadoras como aspecto central para a ativação do ecossistema de negócios de impacto socioambiental. Neste ecossistema, os Negócios Comunitários de Impacto Socioambiental (NCISs), enquanto organizações-chave para a geração de renda entre comunidades envolvidas em atividades produtivas sustentáveis no campo e na floresta, demandam uma estrutura de apoio e de soluções à altura das suas demandas organizacionais e, conseqüentemente, de uma ampla rede de parceiros para o seu desenvolvimento organizacional.

A Fundação CERTI, com sua longa trajetória na promoção do desenvolvimento sustentável e da inovação tecnológica, entende que entre os principais desafios para desenvolver as potencialidades da bioeconomia e da sociobioeconomia na Amazônia está a necessidade urgente de criar, em escala, competitividade econômica para a floresta em pé em relação às commodities. Isso envolve aumentar o custo de oportunidade da degradação florestal e contribuir para um modelo econômico e de desenvolvimento que promova a conservação e recuperação das florestas, valorizando seus ativos e protegendo seus povos.

A inovação e o empreendedorismo em bioeconomia podem contribuir para a conservação da floresta amazônica, desenvolvendo, interiorizando e tornando competitivas as cadeias produtivas florestais sustentáveis, aproveitando o grande diferencial comparativo da região: sua biodiversidade. E como guardiões da Amazônia, as comunidades locais são um elemento-chave desse processo.

Ao observarmos o papel de instituições que atuam com processos, produtos e serviços baseados em inovações de base tecnológica e científica - tais como universidades, faculdades, institutos federais, instituições de ciência e tecnologia, startups e outros agentes de inovação - e o nível de conexão destes agentes com negócios da socio-bioeconomia, nota-se ainda um expressivo distanciamento no que diz respeito a relações de parceria e cooperação técnica. A partir de amplo mapeamento realizado pela Conexsus em 2023, onde buscou-se dimensionar e qualificar a estrutura de relações de apoio que 57 negócios comunitários de 5 diferentes territórios amazônicos têm estabelecidas, ficou evidente o quão reduzidos são os casos de cooperação entre associações e cooperativas com os agentes de inovação: em média, menos de 5% dos atores com os quais os negócios comunitários possuem relacionamento ativo para acessar soluções e serviços constituem-se em agentes de inovação. Em alguns territórios, o índice foi de 0%.

Acima de tudo, os resultados demonstram que é urgente estruturar iniciativas que fomentem estas conexões dentro dos ecossistemas, sobretudo a partir do potencial expressivo que a inovação, de uma maneira geral, pode exercer sobre as atividades desenvolvidas por negócios comunitários, tais como: redução de custos de produção, ganhos de produtividade, agregação de valor, tecnologias da informação entre outras soluções. Entretanto, quais cuidados e diretrizes devem embasar esta aproximação? Na verdade, o reduzido índice de cooperação técnica entre estes atores aponta, justamente, para o tamanho do desafio dessa aproximação de dois universos organizacionais até então bastante desconectados, pelo menos na realidade amazônica coberta pelo estudo da Conexsus.

Para que esse processo gere valor compartilhado, incluindo e beneficiando as comunidades tradicionais e os povos da floresta, é necessário construir pontes que integrem o universo da inovação — com o contexto dos negócios comunitários. Promover o diálogo e a colaboração entre esses atores é essencial para garantir que o desenvolvimento tecnológico e as inovações respeitem e valorizem os conhecimentos tradicionais e os modos de vida das comunidades amazônicas, ao mesmo tempo que impulsionam a competitividade e a sustentabilidade dos produtos e serviços oriundos da sociobiodiversidade.

Foi, portanto, com este propósito de começar a construir coletivamente as primeiras respostas para este desafio que organizamos conjuntamente, Conexsus e CERTI, a oficina “Inovação e Negócios Comunitários: como aproximar os ecossistemas?”, que reuniu mais de 50 pessoas em Manaus/AM nos dias 3 e 4 de junho de 2024.

Participaram do encontro representantes de cooperativas e associações de impacto socioambiental da Amazônia, Cerrado e Caatinga (aqui referidos como negócios comu-

nitários), instituições de Ciência e Tecnologia (ICTs), centros de ensino, startups, entre outras organizações de apoio.

Ouvir os ecossistemas, em uma metodologia de cocriação com negócios comunitários e agentes de inovação, foi fundamental para construir um primeiro conjunto de diretrizes que, do ponto de vista metodológico, podem auxiliar no desenho e implementação de estratégias, programas e iniciativas que busquem justamente trabalhar com o tema da inovação em sociobioeconomia de forma inclusiva, participativa, responsável e eficiente. Pontos como escuta ativa entre os atores, valorização de diferentes formas de saber e conhecimento, tempo de duração de projetos e formatos de fomento a iniciativas de inovação - para não mencionar outros destaques igualmente pertinentes - foram aspectos metodológicos que suscitaram amplo debate e mobilização entre os participantes da oficina.

Convidamos a leitora e o leitor a percorrerem esta publicação e as diferentes diretrizes que emergiram deste processo conjunto e participativo, derivados diretamente de considerações dos próprios atores que, de maneira autônoma, percebem e valorizam o potencial de cooperação entre instituições aparentemente tão distintas. O que emerge desta distinção, na verdade, foi um forte senso de complementaridade, o qual precisa ser trabalhado em iniciativas e projetos duradouros e funcionais. Neste sentido, esta breve publicação busca provocar o debate junto à comunidade de como fundamentar processos desta natureza.

2. SUMÁRIO EXECUTIVO

Este documento visa direcionar ações futuras que fortaleçam a economia da sociobiodiversidade, promovendo a conexão e colaboração entre Negócios Comunitários de Impacto Socioambiental (NCISs) e agentes de inovação para gerar valor para todas as partes envolvidas, baseado em um olhar apreciativo¹ sobre as fortalezas e o potencial das partes envolvidas.

O conteúdo apresentado, construído a partir de recomendações coletadas durante o Workshop “Inovação e Negócios Comunitários: como aproximar e conectar os ecossistemas” realizado em Manaus em junho de 2024, busca fornecer diretrizes para a aproximação entre Ecossistemas de Negócios Comunitários (ENC) e Ecossistemas de Inovação (EI). A importância desta aproximação se destaca no contexto de fortalecimento das economias da sociobiodiversidade como estratégia de mitigação das mudanças climáticas, com o Brasil assumindo papel central ao sediar a COP30 em 2025.

O distanciamento atual entre ENC e EI se manifesta em diversos aspectos, como contextos, linguagem e práticas. Entretanto, há uma convergência de intenções quanto às oportunidades desta colaboração.

Um caminho possível para esta aproximação é apresentado com mais detalhes no documento, e inclui os seguintes passos:

- 1. Sensibilização:** Promover a compreensão mútua através de intercâmbios, visitas de campo, workshops de integração, e engajamento da juventude e das lideranças femininas;
- 2. Reconhecimento de Oportunidades:** Utilizar investigação apreciativa, sessões de mapeamento participativo, e busca por valor mútuo;
- 3. Priorização de Temas:** Conduzir sessões de ideação e validação com matrizes de priorização;
- 4. Definição de Fluxos de Informação:** Criar espaços de interação e troca, acordos de colaboração, ritos de comunicação e processos de feedback contínuo;

¹ Cooperrider D. Appreciative inquiry: toward a methodology for understanding and enhancing organizational innovation [dissertation]. Cleveland: Western Reserve University; 1986.

- 5. Co-desenvolvimento de Soluções:** Utilizar prototipagem, projetos piloto e laboratórios de experimentação;
- 6. Participação Justa nos Resultados:** Garantir a distribuição de valores, métricas de avaliação, e transparência financeira;
- 7. Colheita de Aprendizados e Escala:** Documentar sistematicamente, realizar sessões de reflexão, formar comunidades de prática e compartilhar experiências.

Para uma aproximação eficaz, é essencial ampliar a visão, reconhecer a importância dos saberes dos ENC, oportunizar uma colaboração mais equitativa entre os atores, alinhar linguagem e conceitos-chave, e envolver intencionalmente jovens e mulheres nos projetos. A comunicação acessível e transparente, aliada a recursos financeiros estruturantes, são condições essenciais para o sucesso das iniciativas de inovação colaborativa.

3. MOTIVAÇÕES PARA A APROXIMAÇÃO

Essenciais para a consolidação de uma sociobioeconomia justa e inclusiva, os NCISs demandam serviços, recursos, conhecimentos e outras soluções para o seu fortalecimento e desenvolvimento organizacional, as quais buscam acessar através de redes de parceiros e prestadores de serviços. Conforme definido pela Conexsus (2024, p. 14), “os ecossistemas regionais de negócios comunitários configuram-se como uma complexa rede de interação entre cooperativas, associações, empresas, governos, empreendedores individuais, sindicatos e outras instituições. Nestes espaços, e através das relações aí constituídas, circulam soluções essenciais para que organizações econômicas lideradas e formadas por comunidades possam organizar a sua produção, gerenciar os seus negócios e posicionar os seus produtos nos diferentes mercados”.

Neste sentido, compreender e intervir na formulação de adaptação de ecossistemas mais funcionais e adequados às necessidades organizacionais de NCISs é fundamental para apoiar o seu devido desenvolvimento organizacional, assim como a própria sociobioeconomia em diferentes contextos regionais. Ao longo de 2023, através da “Iniciativa Amazônia em Conexões”, a Conexsus buscou identificar, a partir de um recorte específico ao bioma amazônico, como os ENC são formados, ou seja, quais os principais tipos de atores e soluções que circulam nestes espaços e que se conectam às cooperativas e associações.

Entre os dados levantados pela Iniciativa, o expressivo distanciamento entre agentes de inovação e os negócios comunitários chamou a atenção. Entre as mais de 400 relações identificadas entre 57 NCs e 181 entidades de suporte, somente 5,1% referiam-se a conexões de cooperativas e associações com universidades, faculdades, institutos de ciência e tecnologia, startups e outros agentes do ecossistema de inovação.

O conceito de ecossistema de inovação refere-se a um ambiente dinâmico e interconectado, em que diferentes atores e instituições colaboram para promover a inovação. Esses atores incluem empresas, startups, incubadoras, aceleradoras, universidades, centros de pesquisa, investidores, governos, e outras organizações que compartilham conhecimentos, recursos e infraestruturas com o objetivo de criar e implementar novas tecnologias, produtos, serviços e modelos de negócios.

Um ecossistema de inovação é caracterizado pela diversidade de seus participantes

e pela interação contínua entre eles, o que gera um ciclo de aprendizado e evolução. Dentro desse ecossistema, a inovação é facilitada por uma combinação de fatores como a disponibilidade de capital, políticas públicas favoráveis, cultura de empreendedorismo, ambientes de inovação e redes de colaboração. A sinergia entre esses elementos permite que ideias inovadoras sejam desenvolvidas, testadas, refinadas e, eventualmente, levadas ao mercado, impulsionando o desenvolvimento econômico e social. Além disso, um ecossistema de inovação eficaz é marcado pela capacidade de integrar diferentes tipos de conhecimento – acadêmico, técnico, tradicional – e aplicá-los de maneira que resolva problemas concretos, atenda às necessidades do mercado e, no caso da bioeconomia, promova negócios que refletem na conservação da floresta.

No contexto da bioeconomia na Amazônia, o ecossistema de inovação pode desempenhar um papel crucial ao conectar soluções tecnológicas e de mercado com as necessidades das cadeias de valor da floresta, que incluem comunidades tradicionais e o conhecimento local e que dependem da sociobiodiversidade. Esse ecossistema tem o potencial de criar inovações tecnicamente avançadas, mas que respeitam e valorizam a cultura e os recursos naturais da região, promovendo um desenvolvimento sustentável e inclusivo. O contrário também é válido. A inovação é essencial para qualificar as cadeias de valor da floresta para atender as demandas de mercado e assim gerar mais competitividade para a floresta.

O significativo distanciamento entre os atores dos ENC e os atores dos EI reflete em diversos desafios ligados ao desenvolvimento de processos e serviços inovadores com foco em sociobioeconomia, deixando clara a relevância de se organizar e implementar programas e iniciativas que buscam superar esta lacuna. Diversas soluções demandadas pelos NCISs e sistematizadas na “Iniciativa Amazônia em Conexões” poderiam, potencialmente, serem entregues por agentes de inovação, tais como: soluções de processamento e agregação de valor, assistência técnica de qualidade para produção, inovação em produto e mecanismos de comercialização, assessoria em gestão e formação de gestores entre outros.

No âmbito do Workshop realizado pela Conexsus e Fundação CERTI, a relevância da aproximação entre NCISs e agentes de inovação também foi defendida pelos próprios atores. Ao olhar para as intenções dos NCs e para as intenções do ecossistema de inovação, no que tange a colaboração entre ambos, representantes dos dois grupos se mostraram bastante alinhados entre si. Para além das oportunidades de aproximação que poderiam ser viabilizadas por investimento social privado (as quais detalharemos adiante neste documento), os representantes de ambos os ecossistemas destacaram a necessidade de se ter influência política sobre políticas públicas para a sociobioeconomia. O quadro abaixo sintetiza esses pontos, a partir da visão dos representantes que estiveram envolvidos no Workshop de aproximação dos ecossistemas em Manaus.

Desafios atuais à aproximação dos dois ecossistemas	
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de entendimento dos tempos e ritmos entre as comunidades e o ecossistema de inovação. • Falta de reconhecimento do que cada um sabe e de uma linguagem comum. • Visão restrita sobre o que é inovação não contempla as reais necessidades dos NCs. • Desafios estruturais enfrentados pelos NCs (necessidade de capital de giro, tecnologias de produção e escoamento, desenvolvimento de capacidades de gestão) 	
O que os representantes dos ENC desejam desta aproximação?	O que os representantes dos EI desejam desta aproximação?
<ul style="list-style-type: none"> • Valorização, autonomia, capacitação, eficiência produtiva e de gestão, melhoria na qualidade dos produtos; • Valorização do cultivo e extrativismo que mantém a floresta em pé; • Acesso à infraestrutura com baixo custo, sustentável e com recursos renováveis; • Valorização do mercado, através do preço e comércio justo, deixando mais valor nas comunidades; • Maior eficiência e capacidade de industrialização e beneficiamento para evitar perdas ao longo da cadeia produtiva; • Tributação diferenciada para os produtos da economia da sociobiodiversidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dar escala de valor à bioeconomia nos biomas; • Floresta viva, vida digna aos povos da floresta, rios limpos; • Envolvimento dos jovens das comunidades; • Escalar e demonstrar o valor da bioeconomia; • A tecnologia apoiar a valorização dos produtos da floresta; • A universidade potencializando a bioeconomia por meio de sua função social; • Coordenar oferta e demanda de soluções; • Financiamento em escala para os atores do ENC e EI; • Sair da lógica de transferência para a lógica de transformação; • Ter voz ativa na incidência política.
<p>Questão transversal aos dois ecossistemas: incidência política para fazer valer e melhorar as legislações existentes e para que sejam criadas novas políticas para a sociobioeconomia. A falta de diretrizes, visões comuns e programas estruturantes com incentivos e políticas adequados para viabilizar a inovação na sociobioeconomia é um desafio para ambos os ecossistemas. Entre as oportunidades de incidência política, estão:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Melhores definições sobre pagamento por serviços ambientais; • Aperfeiçoar a lei de acesso a recursos genéticos e repartição de benefícios para o setor de alimentos & bebidas; • Mobilizar o Pronaf como fonte para a inovação; • Revisitar a carga tributária para produtos da biodiversidade. 	

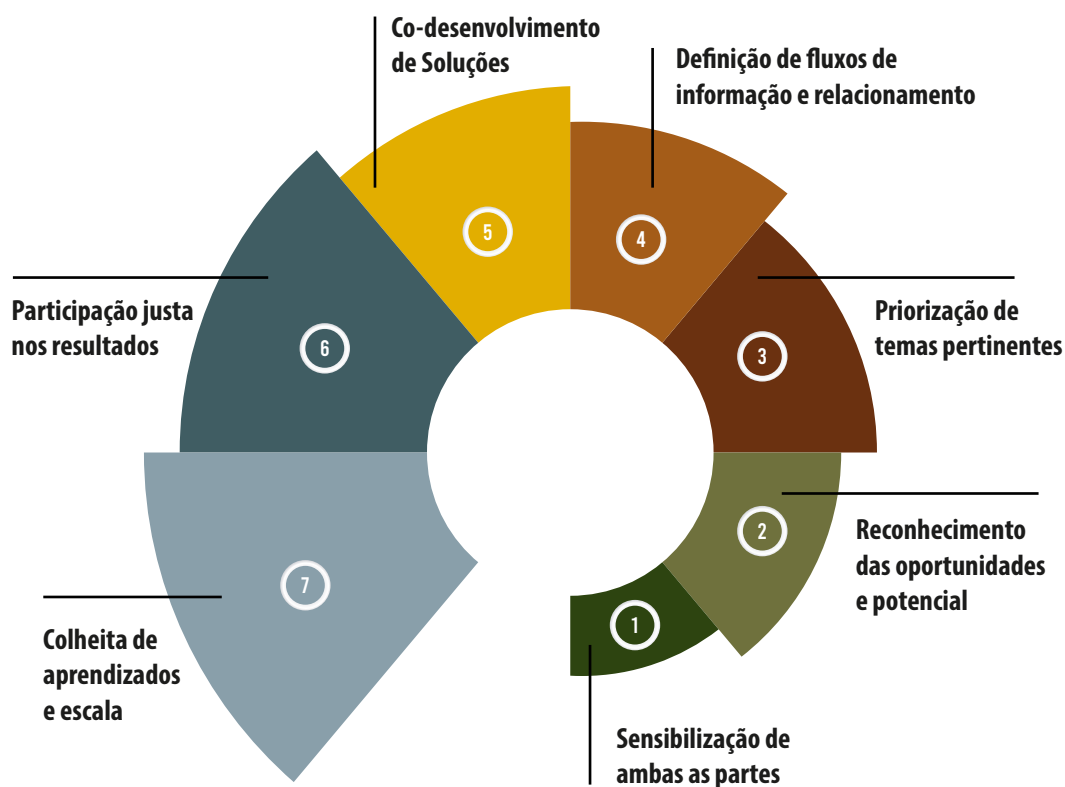
Quadro: resumo de atividade realizada por representantes de negócios comunitários e do ecossistema de inovação em encontro presencial em Manaus, em junho de 2024.

4. FLUXO DE APROXIMAÇÃO

A partir das considerações acima, evidenciam-se algumas oportunidades de aproximação entre o EI e o ENC, mas ainda há carência de melhores práticas e iniciativas em quantidade e condições capazes de estabelecer um processo claro e eficiente para esta relação. Além disso, a diversidade presente em cada comunidade e nos diferentes agentes de inovação traz, ao mesmo tempo, potências e complexidades que só podem ser abordadas com experimentação e aprendizado.

A partir da escuta realizada no workshop, foi possível sistematizar um fluxo que pode servir como caminho experimental para a aproximação entre estes ecossistemas e possíveis ações para cada etapa:

1. Diagrama do Fluxo de Aproximação dos Ecossistemas



4.1 Sensibilização de ambas as partes: enxergar e ampliar o entendimento sobre o outro.

Foco Territorial: estabelecer um limite territorial que permita a criação de uma identidade comum fortalecida e um senso de coletividade. Esta fronteira serve também para manter o foco nas especificidades locais, que são extremamente importantes no processo de aproximação. Explorando, com isso, potenciais conexões entre NCs, enquanto base produtiva local, e os agentes de inovação do território.

Intercâmbio e Visitas de Campo: promover imersões onde membros de ambos os ecossistemas possam vivenciar a realidade do outro. Isso pode incluir visitas às comunidades para entender suas necessidades e aos ambientes de fomento à inovação para conhecer os processos de inovação e as tecnologias disponíveis.

Workshops de Integração: organização de encontros utilizando metodologias participativas para um ambiente de escuta profunda e empatia, a fim de aprimorar a percepção um do outro e gerar confiança.

Engajamento da Juventude e Protagonismo Feminino: convidar ativamente os jovens e mulheres das comunidades para o processo, aproveitando o apelo de “vanguarda” que o tema da inovação pode gerar, para engajar as novas gerações e a oportunidade de desenvolvimento de lideranças femininas, formando agentes de preservação da cultura local enquanto também são pontes de conexão com outros ambientes e culturas.

4.2 Reconhecimento das oportunidades e potencial: estabelecer um entendimento comum sobre as oportunidades e contribuições potenciais de cada ecossistema.

Investigação Apreciativa: inverter o olhar sobre a identificação de problemas, para que o foco esteja no mapeamento das fortalezas e oportunidades das partes envolvidas no processo.

Sessões de Mapeamento Participativo: realizar sessões de investigações participativas, com diálogo estruturado, onde os membros dos NCs e agentes de inovação possam compreender mutuamente o que cada parte pode oferecer e o seu potencial coletivo.

Busca por casos de sucesso: mapear casos bem sucedidos onde a colaboração entre os ecossistemas resultou em soluções eficazes. Estes exemplos práticos podem demonstrar o valor da colaboração e inspirar outras iniciativas.

4.3 Priorização de temas pertinentes: definição de foco relevante e valioso para ambos os ecossistemas.

Ideação: conduzir sessões de “chuvas de ideias” (brainstorming) moderadas por facilitadores experientes que possam guiar o processo de geração de ideias e assegurar a participação equitativa, respeitando as diferenças de linguagem e visão sobre os temas.

Alvos de Inovação: utilizar matrizes de priorização para avaliar e classificar os temas de acordo com o impacto potencial e viabilidade de inovação - uma vez que nem todos os temas são passíveis de soluções inovadoras e nem todas soluções inovadoras são adequadas ao contexto dos NCs.

Validação no Ecossistema: envolver as comunidades e NCs pertinentes em consultas para garantir que os temas prioritários estejam alinhados ao contexto real, buscando também estabelecer diretrizes à aplicabilidade das soluções com próximos passos claros e simples.

4.4 Definição de fluxos de informação e relacionamento: estabelecer uma estrutura de governança que garanta a relação constante e eficaz entre os ecossistemas.

Criação de Espaços de Interação e Troca: desenvolver ambientes, formais ou informais, locais, territoriais e/ou regionais onde os NCs e agentes de inovação possam interagir regularmente. Esses espaços devem ser diversificados, incluindo membros de diferentes níveis hierárquicos e áreas de especialização, devendo facilitar a troca de saberes e experiências, supervisionar a implementação de projetos conjuntos e resolver potenciais conflitos.

Acordos de Colaboração: co-criar documentos de linguagem acessível que definam claramente os objetivos, responsabilidades e compromissos de cada parte. Estes acordos devem prever princípios de participação justa nos resultados: lucro, propriedade intelectual e outros resultados. O compartilhamento de modelos padronizados destes tipos de documentos pode facilitar e acelerar a cooperação entre atores dos ecossistemas.

Ritos de Comunicação: estabelecer protocolos de comunicação, incluindo a frequência e temas de encontros e reuniões (virtuais e presenciais), uso de plataformas digitais e repositório de documentos e registros que garantam a transparência e acesso à informação de ambas as partes.

Feedback e Revisão: Implementar processos de feedback contínuo onde membros de ambos os ecossistemas possam compartilhar suas opiniões e sugestões para revisão dos acordos, conforme vão aprendendo com a prática do trabalho conjunto.

4.5 Co-desenvolvimento de Soluções: desenvolver soluções inovadoras de maneira colaborativa.

Prototipagem rápida: utilizar metodologias de prototipagem ágil para desenvolver e testar soluções em pequena escala e com recursos já disponíveis.

Projetos Piloto: desenvolver projetos localizados e com participação coletiva, para validar as soluções propostas em contextos reais e coletar feedback para melhorias na aplicabilidade, escalabilidade e impacto.

Laboratórios de Experimentação: estabelecer laboratórios de inovação onde os protótipos de diversos territórios possam ser acompanhados em caráter experimental e avaliados. Os aprendizados vindos dos projetos piloto podem alimentar evoluções nos protótipos ou gerar novas soluções, mais adequadas à realidade local com uma visão de melhoria contínua.

4.6 Participação justa nos resultados: garantir que os benefícios da colaboração sejam distribuídos de maneira equitativa.

Assessoria neutra: utilizar assessores, mediadores ou facilitadores independentes para garantir que os termos de participação sejam construídos de maneira justa e que as partes se sintam representadas.

Propriedade conjunta: estabelecer acordos de propriedade intelectual, licenciamento e royalties que reconheçam a co-criação e dividam os direitos e benefícios derivados das inovações de forma justa aos envolvidos.

Métricas de Avaliação: estabelecer métricas específicas e eficientes para avaliar os resultados de maneira objetiva e transparente.

Acompanhamento e Transparência: garantir acesso para todas as partes a relatórios simples e regulares, com linguagem adequada e compatível com os envolvidos, sobre o progresso dos projetos. Manutenção de transparência com documentação regular sobre o uso de recursos e distribuição de benefícios.

4.7 Colheita de aprendizados e escala: capturar e documentar os aprendizados obtidos para melhorar continuamente o processo de inovação e escalar as soluções, assim como bons exemplos nos quais a relação gerou ganhos mútuos.

Documentação Sistemática: manter registros detalhados das etapas do processo, utilizando mídias diversas como documentos, fotos e vídeos, incluindo reuniões, decisões, desafios, soluções e lições aprendidas.

Sessões de Reflexão e Celebração: realização periódica de sessões para colheita de percepções e aprendizados dos projetos, destacando o que funcionou bem e o que precisa ser melhorado. Destacar os casos de sucesso proporcionará um ganho de energia valioso para seguir adiante, além de munir experiências em curso de possibilidades e aprendizados, criando atalhos para que os resultados ocorram com mais frequência e intensidade.

Comunidades de Prática: formação de comunidades de prática transversais aos projetos, onde os participantes possam se reunir regularmente para discutir desafios comuns, compartilhar soluções e trocar conhecimentos. Agentes de inovação podem ajudar os NCs a entender o desenvolvimento de negócios e de tecnologias, enquanto líderes comunitários podem ensinar sobre a realidade local e suas tecnologias sociais.

Compartilhamento das Experiências: criar plataformas de fácil acesso para compartilhamento de melhores práticas, casos de sucesso e exemplos a serem replicados em outros territórios e projetos futuros.

Envolvimento de Agentes Públicos e da Academia: incentivar o acompanhamento dos resultados por agentes públicos que possam informar políticas públicas que impulsionem as soluções desenvolvidas. Estabelecer parcerias com universidades e instituições de pesquisa para colaborar em projetos de pesquisa aplicada, garantir o acesso à infraestrutura para desenvolvimento tecnológico e a disseminação do conhecimento.

5. PRINCÍPIOS GERAIS

Em qualquer uma das etapas do Fluxo de Aproximação descritas acima, há Princípios Gerais a serem observados para que as iniciativas da sociobioeconomia sejam impulsionadas de forma justa e inclusiva.

5.1 Descolonizar a visão: ambos os lados têm o que ensinar e o que aprender.

Quando se fala em aproximar os ENC e EI um do outro, é comum partir do pressuposto de que apenas um dos lados, o dos negócios comunitários, precisa se capacitar para compreender o mundo da inovação. Mas ambos os lados nesta equação têm o que ensinar e o que aprender.

Uma relação que traga valor para os dois ecossistemas deve partir do reconhecimento e da valorização dos diferentes tipos de saberes. O ecossistema de inovação possui muito o que aprender com os NCs - a relação equilibrada e cuidado com recursos naturais, os saberes no manejo, as tecnologias de produção, o conhecimento sobre a fauna e a flora, práticas medicinais, dentre outras sabedorias. Da mesma forma, os NCs podem se beneficiar de abordagens, metodologias e tecnologias disseminadas no universo da inovação.

É fundamental quebrar o olhar padrão no qual os NCs são beneficiários que necessitam de assistência e iniciar uma relação na qual NCs e agentes de inovação compartilham de recursos para alavancar a inovação. Para tanto recomenda-se que iniciativas de fomento a conexões entre agentes de inovação e negócios comunitários promovam ações de mapeamento dos saberes existentes em cada ecossistema e das necessidades de aprendizado sobre o contexto um do outro.

Ações formativas que sejam oferecidas por ambas as partes contribuirão para a aproximação de realidades que é essencial para o desenvolvimento de inovações que estejam à serviço das necessidades dos negócios comunitários e, ao mesmo tempo, tenham aderência de mercado. Essas ações de desenvolvimento de capacidades também possibilitam a troca de conhecimento, aumentam a capacidade operacional, o desenvolvimento contínuo de novas lideranças e as condições para que as relações entre agentes de inovação e dos negócios comunitários sejam cada vez mais fluidas.

5.2 Alinhamentos sobre linguagem e conceitos-chave

É preciso reconhecer que aceleradoras, startups, instituições de Ciência e Tecnologia e outros atores do ecossistema de inovação possuem um linguajar próprio, que muitas vezes não é de comum utilização para os integrantes dos negócios comunitários. Da mesma forma, os conhecimentos das comunidades e seus negócios a respeito da biodiversidade local, dos modos de produção e da própria atuação e dinâmicas comunitárias, apenas para citar alguns exemplos, também não são de amplo conhecimento dos agentes de inovação.

Assim, um primeiro resultado da aproximação entre os dois universos, mencionada no item anterior, é o letramento, para ambos os ecossistemas, sobre conceitos-chave e aspectos técnicos de primordial alinhamento. Pode-se construir, participativamente, Dicionários e Glossários específicos a cada ação de aproximação, contribuindo para que os atores envolvidos possuam uma comunicação fluida entre si.

5.3 Conceito e necessidades de inovação do ponto de vista das comunidades

Programas de assistência técnica, editais, serviços e produtos oferecidos aos negócios comunitários são, muitas vezes, criados a portas fechadas por pessoas que não possuem vivências profundas nas comunidades - são as “inovações de gabinete”. Para que a inovação realmente esteja à serviço das necessidades reais dos negócios comunitários, os representantes das associações e cooperativas da sociobiodiversidade precisam ser envolvidos, desde o início, na definição das necessidades para inovação, na conceitualização do que é inovador para aquele contexto e na cocriação de soluções.

Recomenda-se a criação de “mapas de desafios e necessidades” que sirvam como insumo aos programas de indução. Então, a partir dos desafios reais daquele contexto, deve-se partir para a identificação de quem são os atores mais apropriados para contribuir com a cocriação de soluções. É importante ressaltar que a escolha de atores para contribuir com o processo de inovação deve priorizar aqueles que possuam repertório para lidar com o contexto e que possam estar presentes no território.

5.4 Envolvimento intencional de jovens e mulheres

Os anseios dos jovens e das mulheres dos NCs devem ser centrais nos projetos de futuro e nos espaços de decisão. Especialmente no que diz respeito aos jovens, os projetos de inovação podem representar a conexão com “o novo” que as novas gerações buscam, contribuindo para que elas se mantenham nos territórios. Para que isso aconteça, é

importante que os projetos de inovação contratem pessoas dos territórios para facilitar as interações entre os ecossistemas, envolvendo-as nas definições sobre visão de futuro e na governança das iniciativas a serem criadas. As jornadas de aproximação a serem realizadas no início do processo são uma boa oportunidade para identificar quem são as lideranças jovens e mulheres nos territórios que poderiam se engajar com essas ações.

As ações estruturantes de engajamento nesses processos representam uma oportunidade de desenvolvimento de lideranças, especialmente dos jovens e das mulheres. Seja no desenho de programas de investimento privado, seja no desenho de políticas públicas para a sociobioeconomia, é importante pensar nos mecanismos de engajamento e valorização desses atores. Sugere-se, por exemplo, a criação de um programa “Jovem Aprendiz da Sociobioeconomia”, que possa facilitar a inserção no mercado de trabalho e diminuir o êxodo da juventude para as cidades em busca de oportunidades.

5.5 Fluxos de informação constantes, comunicação acessível e transparente

O alinhamento sobre linguagem e conceitos-chave, descrito no item 5.2, representa uma primeira ação tangível para contribuir com o estabelecimento de uma comunicação acessível entre os dois ecossistemas. Para além da acessibilidade (que vale para ambos os lados na explicação sobre os aspectos técnicos de seu domínio de conhecimento), ações conjuntas entre o ecossistema da inovação e o de negócios comunitários precisam zelar pela transparência.

O diálogo será uma prática essencial para a aproximação dos ecossistemas. Será importante criar espaços de conversa aberta sobre erros que tenham acontecido no passado em experimentações semelhantes, os interesses das partes na colaboração, as instâncias de tomada de decisão, a participação na cocriação de soluções, a distribuição dos resultados, entre outros aspectos que possam surgir no caminho da iniciativa e que demandem alinhamentos. Ressalta-se aqui a importância de os NCs receberem devolutivas sobre as pesquisas realizadas por pessoas externas em seus territórios.

Os espaços de interação contínua entre os atores dos dois ecossistemas devem intencionalmente instigar conversas sobre desafios e aprendizados das duas partes e sobre a governança do processo. A presença de facilitadores e mediadores independentes, com experiência em metodologias sistêmicas e participativas, pode contribuir para tornar esses momentos de interação mais fluidos e participativos. Quem ocupa essa função tem o papel de absorver, sistematizar e refletir as informações, deixando-as inteligíveis a todas as partes envolvidas, contribuindo, assim, para participação equitativa nos momentos de integração, capacitação, ideação, negociação ou reflexão conjunta.

5.6 Tempo alongado e iterações múltiplas

Os resultados desta aproximação não serão imediatos. Deve-se considerar um tempo prolongado para que as relações gerem confiança e entendimento entre as partes, para que as experimentações aconteçam e que os aprendizados alimentem novos ciclos.

A pressão e busca por agilidade, costumeiras em ecossistemas de inovação tradicionais, podem representar um risco a esta aproximação. Torna-se imprescindível respeitar o tempo para que as relações se fortaleçam, para que as pessoas se entendam e para que iniciativas conjuntas ganhem maturidade – principalmente nas primeiras interações. Além de mais alongada, é possível que a jornada para inovação conjunta demande múltiplas interações.

Vencida a inércia e possível resistência inicial, a tendência é que este processo conjunto torne-se mais natural e mais ágil, mas no primeiro momento deve-se considerar um ritmo mais respeitoso para intervenções e identificação de resultados.

5.7 Recursos financeiros como condição estruturante

Os negócios comunitários enfrentam desafios estruturais que precisam ser levados em conta na definição de prioridades para a inovação e como executá-la. O acesso a financiamento ainda é um grande desafio, e é comum que os negócios estejam em busca de capital de giro para viabilizar a produção. Os recursos para “inovação pura”, que não possuem o viés socioambiental como estruturante, não estão adequados aos desafios que os negócios comunitários enfrentam, ou oferecem uma escala de financiamento muito maior do que os NCs já conseguem gerir. Além disso, as demandas de gestão de projeto, prestação de contas e outras exigências procedimentais atreladas a esses recursos frequentemente os distanciam dos NCs.

Os recursos para financiamento de inovação em sociobioeconomia precisam considerar as demandas de estruturação interna dos NCs, a compatibilização dos pré-requisitos para acesso ao investimento, a necessidade de combinação de capital não-reembolsável e a oferta de tickets mais baixos de crédito. Potencializar o captação de recursos mais adequados pode exigir um investimento inicial em infraestrutura para viabilizar o acesso e a troca de informação entre os negócios comunitários e os atores do ecossistema de inovação, a depender do contexto, além de prever recursos para o desenvolvimento das lideranças comunitárias que atuarão nos projetos. É importante incentivar a rotatividade de representantes e de lideranças, evitando a personificação extrema e insustentável, que causa dependência e alimenta a sobrecarga.

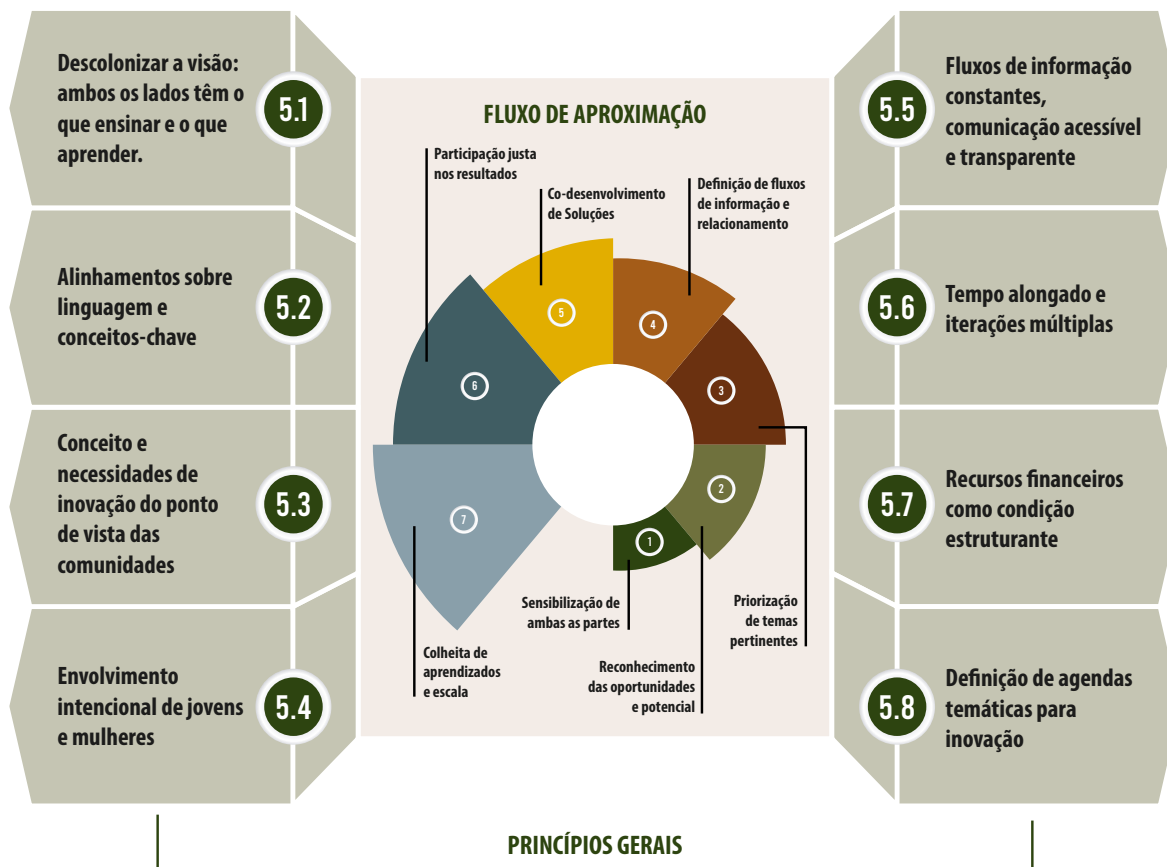
O tempo necessário para elaboração de uma proposta conjunta entre os ecossistemas de inovação e de negócios comunitários deve ser considerado, inclusive prevendo a

possibilidade de um aporte inicial para que a elaboração da proposta de colaboração aconteça de forma adequada, respeitando os tempos das comunidades e envolvendo os atores necessários nos territórios. É recomendável que a participação equilibrada nos resultados seja uma premissa para os mecanismos de financiamento, explorando inclusive o conceito de pagamento sobre serviços ambientais.

5.8 Definição de agendas temáticas para inovação

As agendas temáticas para desenvolvimento de inovações nas cadeias da sociobiodiversidade serão específicas em cada território e, portanto, devem ser construídas em alinhamento aos atores locais e às políticas de desenvolvimento territorial aplicáveis. De maneira ampla, essas estratégias devem estar alinhadas à Estratégia Nacional de Bioeconomia, publicada pelo governo federal em 5 de junho de 2024, e aos Planos Nacional de Bioeconomia em Sociobioeconomia, atualmente em fase de elaboração.

2. Diagrama do Fluxo de Aproximação dos Ecossistema e Princípios Gerais



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este documento foi elaborado com base nas contribuições de diversas organizações que participaram do Workshop “Inovação e Negócios Comunitários”, realizado em Manaus em junho de 2024 [\(veja a lista no final do documento\)](#), além das experiências do Instituto Conexsus e da Fundação CERTI. Ele descreve diretrizes práticas para aproximar os Ecossistemas de Negócios Comunitários (ENC) dos Ecossistemas de Inovação (EI), facilitando a cooperação entre esses dois mundos.

O Brasil, com sua biodiversidade única, tem uma oportunidade rara de se destacar globalmente no desenvolvimento da sociobiodiversidade. No entanto, para que essas iniciativas prosperem, é fundamental que os investimentos em inovação sejam feitos de forma justa e equilibrada, respeitando as especificidades e necessidades das comunidades que dependem da floresta e de seus recursos. Garantir que esses negócios tenham acesso a tecnologias apropriadas e que políticas públicas deem suporte à implementação dessas soluções é um passo essencial.

O sucesso dessas iniciativas também depende diretamente do fortalecimento das lideranças jovens e femininas. As novas gerações, com sua natural conexão com a inovação e o desejo de transformar suas realidades, precisam ser incentivadas a liderar essas mudanças. Do mesmo modo, o papel das mulheres, muitas vezes à frente das atividades produtivas nos negócios comunitários, deve ser amplamente reconhecido e valorizado.

O futuro dessas ações depende de um diálogo contínuo entre os negócios comunitários e os agentes de inovação. Esse processo exige esforços consistentes para promover o entendimento mútuo, alinhar expectativas e construir soluções conjuntas. A participação ativa de todas as partes envolvidas, desde as comunidades até os setores governamentais, será crucial para gerar valor compartilhado e impactar positivamente as pessoas que vivem da floresta.

Esta publicação propõe importantes premissas, considerações e recomendações metodológicas de como fundamentar iniciativas e programas voltados a esta temática, as quais foram construídas diretamente a partir da inteligência coletiva de um conjunto diverso de atores envolvidos diretamente nesta agenda.

Entre os diferentes participantes da oficina que subsidiou a construção deste documento, há uma significativa percepção de que são reduzidas as experiências de cooperação

bem sucedidas entre negócios da sociobioeconomia e agentes de inovação. O próprio ineditismo do tema situa-o na fronteira de ações a serem implementadas e desenvolvidas em escala, em constante adaptação e qualificação pelos atores envolvidos. Neste sentido, longe de exaurir a discussão, entendemos que esta publicação abre espaço para a sua aplicação prática e consequente revisão e atualização em um futuro próximo com base nas próprias experiências de aplicação.

Do ponto de vista das instituições envolvidas na organização da oficina e desta publicação, Conexsus e CERTI, os próximos passos serão de uso intensivo das considerações apontadas neste documento como orientações-chave para processos conjuntos de aproximação entre negócios comunitários e agentes de inovação, especialmente no contexto da Amazônia, com foco em desenhar e implementar soluções inovadoras que contribuam para que cooperativas e associações possam reduzir custos de produção, alinhar-se com as demandas de mercados e tornar-se mais competitivas, desenvolver novos produtos, acessar novas e eficientes ferramentas gerenciais, dentre outros exemplos de potenciais resultados dessa sinergia entre os ecossistemas.

Nosso objetivo com este documento é simples: potencializar iniciativas colaborativas que gerem impacto positivo. Esperamos que as diretrizes aqui apresentadas inspirem a diversidade de atores de cada ecossistema a se unirem para promover inovação de forma inclusiva, valorizando a riqueza de saberes e visões como chave para um futuro mais sustentável.

7. LISTA DE PESSOAS E ENTIDADES PARTICIPANTES DO WORKSHOP “INOVAÇÃO E NEGÓCIOS COMUNITÁRIOS: COMO APROXIMAR OS ECOSISTEMAS?”

NOME	ORGANIZAÇÃO	CATEGORIA
Aluizio Pinto	Amazônia Smart Food	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
André Noronha	CERTI	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Antônio de Lima Mesquita	UEA	Universidade / Institutos de Pesquisa
Carla Navarro	Cooperação Internacional	Financiadores
Desirée Nascimento	Sebrae	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Eva Duarte	Fundación Avina	Financiadores
Fernando Cardoso Lucas Filho	Ligna	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Gaston Santi Kremer	WTT	Universidade / Institutos de Pesquisa
Janice Maciel	CERTI	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
JESSICA BRILHANTE MACHADO	SEMAS-PA	Poder público
José de Jesus Medeiros Falcão Júnior	IFAM	Universidade / Institutos de Pesquisa

NOME	ORGANIZAÇÃO	CATEGORIA
Juliana Alice da Silva Gomes	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - Inpa	Universidade / Institutos de Pesquisa
Kallil Maia	Finep	Poder público
Márcia Soares	Fundo Vale	Financiadores
Marco Antonio Giágio	Instituto CERTI Amazônia	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Marcos Da-ré	CERTI	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Maria Lucinete	COGIE - INPA	Universidade / Institutos de Pesquisa
Matheus Barreto	Na'kau Chocolates	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Melissa Sendic	CLUA	Financiadores
Paulo Quirino	Agrosmart S.A.	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Rafael Savi	CERTI	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Ronnayana Silva	Sitawi Finanças do Bem	Financiadores
Salvio Rizzato	Universidade do Estado do Amazonas - UEA	Universidade / Institutos de Pesquisa
Stefan Friedrich Keppler	Munguba Soluções Ambientais	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Stheffany Cristiny Silva Tapajós	Ufam	Universidade / Institutos de Pesquisa
Suze Oliveira	CESUPA/ICT	Universidade / Institutos de Pesquisa
Tiana Vilar Lins	NESsT	Startups, Aceleradoras, Incubadoras
Tulio Condé Duarte Silva	Hermanitos / Venture Hub	Startups, Aceleradoras, Incubadoras

8. BOAS PRÁTICAS E REFERÊNCIAS

Abaixo, segue uma lista de iniciativas e materiais de referência que foram citados durante o Workshop “Inovação e Negócios Comunitários: como aproximar e conectar os ecossistemas”:

Pesquisa para Valor Agregado em Negócio Comunitário	<u>Parceria UNIMONTES e Coopempai</u>
Colaboração Multisetorial	<u>Projeto Bioplástico</u>
Adequação da Educação à Realidade Local	<u>Pedagogia da Alternância</u>
Formação de Docentes	<u>Programa Academia do Instituto Cidadania Empresarial (ICE)</u>
Empreendedorismo Universitário	<u>Amazon Hacking, Florestas Inteligentes</u>
Pesquisa e Desenvolvimento a Partir de Saberes Tradicionais	<u>Museu de Ciência da Amazônia (MUCA)</u>
Fortalecimento de Produtividade	<u>Ecocentro da Sociobioeconomia em Santarém</u>
Plataforma de Inovação Comunitária	<u>Plataforma Retos, Colômbia</u>
Inovação Aberta para Impacto Socioambiental	<u>Aliados pela Água</u>
Suporte à Jornada Empreendedora da Sociobioeconomia	<u>Jornada Amazônia</u>
Pagamento por Serviços Ambientais	<u>PSA</u>
Isenção de Impostos	<u>Produtos agricultura familiar Bahia</u>

Realizadores:



Financiadores:

